

ARTIGOS

Modalidades de ações desenvolvidas por estagiários e professores supervisores¹ de estágio da escola básica

Maria da Assunção Calderano

RESUMO: Qual o papel desenvolvido pelo estagiário das licenciaturas e pelo professor da escola básica que supervisiona o estagiário na escola? As respostas foram resgatadas junto aos graduandos e professores da escola básica. Foram também inquiridos os professores da universidade que orientam o estágio, coordenadores pedagógicos e diretores das escolas que participam desse processo formativo. A análise do conteúdo das respostas apresentadas foi feita com o suporte metodológico oferecido por Bardin e foi sustentada também pelas reflexões teóricas advindas de estudiosos do tema, incluindo teses de doutorado, além de livros e textos publicados em periódicos. Supondo a interconexão entre as ações dos professores da rede de ensino e estagiários – manifestadas e refletidas no interior de cada conjunto de participantes –, evidencia-se a necessidade de que o professor da escola básica seja reconhecido mais efetivamente como corresponsável pela formação inicial do graduando, sendo constituídas as condições para que tais ações atinjam uma perspectiva de docência compartilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio curricular; Formação docente; Docência compartilhada.

Modes of actions developed by trainees and internship supervising teachers of elementary schools

ABSTRACT: What is the role played by the undergraduate intern and teacher at primary school who oversees the intern in school? The answers were rescued along with undergraduates and primary education teachers. Respondents were also teachers who guide the university stage, coordinators and principals participating in this training process. The content analysis of their responses was made with the methodological support offered by Bardin and was also supported by theoretical reflections arising from specialist subject, including doctoral dissertations, and books and articles published in journals. Assuming the interconnection between the actions of the primary school teachers of the school and college student – expressed and reflected within each group of participants – highlights the need for the primary school teacher is recognized more effectively as co-responsible for the initial training of the undergraduates, being established conditions for such actions to achieve a perspective of shared teaching.

KEYWORDS: Stage curriculum; Teacher training; Teaching shared.

¹ O termo “supervisor de estágio”, relacionado ao professor da escola básica, se dá por adequação à Lei de Estágio n. 11.788, de 25 de setembro de 2008, na qual é indicado, no seu Art. 3º, inciso III, & 1º que “O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente”. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/Lei%2011.788-2008?OpenDocument>.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular é notoriamente um tema importante dentro da formação docente, ainda que pesem a ausência e/ou opacidade de informações institucionais acerca de seu desenvolvimento (GATTI; BARRETO, 2009, p. 12; GATTI, 2011, p. 316-317) e os escassos estudos a seu respeito. Num montante de 201 teses de doutorado defendidas no Brasil entre 1998 a 2009, encontradas no portal CAPES a partir dos descritores “formação docente”, “trabalho docente” e “educação profissional”, somente 11 tratam do estágio curricular no âmbito das licenciaturas.

Entre as publicações em livros e periódicos, destacam-se as de Freitas (1996), Freire (2001), Pimenta (2002), Pimenta e Lima (2004), Felício e Oliveira (2008), Pinto Neto, Queiroz e Zanon (2009), Silvestre e Placco (2011), Calderano (2012a, 2012b) e Milanesi (2012), cujas contribuições serão apresentadas mais à frente junto aos dados analisados acerca do estágio curricular.

Qual o papel desenvolvido pelo estagiário das licenciaturas e pelo professor da rede de ensino que o supervisiona no interior da escola básica? Tendo interesse em descortinar essa questão, perguntas foram feitas aos estagiários e professores da escola básica. Foram também inquiridos os professores da universidade que orientam o estágio, coordenadores pedagógicos e diretores das escolas que participam, mesmo que indiretamente, desse processo formativo, complementando o panorama das ações relativas aos estágios.

O presente texto pretende analisar o conteúdo dos papéis destacados pelos diferentes conjuntos de participantes desse processo formativo, tendo como suporte metodológico as orientações de Bardin (1977). As análises também foram sustentadas pelas reflexões teóricas advindas de estudiosos do tema estágio, incluindo autores de livros, artigos de periódicos e teses de doutorado.

Serão apresentados a seguir os dados empíricos em que se apoia o presente trabalho, os objetivos e as questões que conduziram as análises. Estas serão tecidas de forma a elucidar alguns pontos de aproximação e de estrangulamentos visualizados entre os papéis desenvolvidos pelos participantes no processo de estágio, desvelando concepções de formação distintas que sustentam tais papéis.

Supondo a interconexão entre as ações dos professores da rede e estagiários – manifestadas e refletidas em cada grupo de participantes –, pomos em evidência a necessidade de que o professor da escola básica seja reconhecido como corresponsável pela formação inicial do graduando, sendo necessárias a constituição e a consolidação das condições para que tais ações atinjam uma perspectiva de docência compartilhada. Referimo-nos aqui a medidas institucionais locais, traduzidas em ações conjuntas a partir de uma concepção de estágio assumida coletivamente, bem como a políticas educacionais que orientem e deem sustentação a este esforço coletivo.

QUE DADOS SÃO ESSES E DE ONDE VEEM?

Os dados – matéria prima deste trabalho – advêm de uma enquete realizada com professores da faculdade de educação de uma universidade federal mineira e seus alunos das licenciaturas em período de estágio curricular. Também participaram da enquete 65 escolas pertencentes a diferentes redes de ensino: municipal (29), estadual (18), particular (16) e federal (02).

Participaram da enquete 449² pessoas, sendo 19 professores da universidade, 274 estagiários de 12 licenciaturas³ e 156 profissionais da escola básica; destes, 95 professores, 37 coordenadores pedagógicos e/ou chefes de departamento e 20 diretores (entre estes profissionais, 4 não indicaram o cargo).

Dentre o conjunto de questões apresentadas a todos eles, aqui serão destacadas duas: 1) Qual o papel desenvolvido pelo professor na escola básica como supervisor de estágio? 2) Qual o papel desenvolvido pelo estagiário na escola básica?

Interessou-nos mapear tais papéis tendo como objetivo não somente conhecê-los e identificá-los, mas também compreender como eles são vistos pelos diferentes conjuntos de participantes do processo formativo: estudantes e professores da universidade e profissionais da escola básica. Julgamos adequado perguntar sobre o papel desenvolvido pelos diferentes participantes pela possibilidade avistada de atingir – com tal indagação – maior aproximação entre a resposta e o dado de realidade vivida, evitando possíveis previsões, idealizações e intenções não materializadas, alcançadas com perguntas do tipo: “O que você pensa sobre estágio?” ou “Como ele deveria ser?”

A partir desse mapeamento buscamos possíveis relações entre o papel desenvolvido pelo professor da rede como supervisor de estágio e o papel dos licenciandos estagiários, objetivando também antever possíveis nexos entre a visão apresentada pela universidade e a apresentada pela escola básica acerca desses papéis. Há também uma suposição clara de que a definição de tais papéis acaba por revelar a concepção de estágio que se encontra em desenvolvimento prático nas escolas.

O estudo seguiu orientado pelas seguintes questões que foram se constituindo, transformando-se e solidificando-se no próprio processo analítico: a) Há sintonia ou distanciamento entre a visão apresentada pela universidade e a apresentada pela escola básica quanto ao estágio curricular e, em escala maior, quanto ao processo de formação docente? b) É possível identificar uma concepção de estágio a partir dos papéis desenvolvidos por professores da escola básica – supervisores do estágio – e por estagiários? Em caso positivo, qual a concepção de estágio curricular que prepondera entre os grupos participantes da enquete? c) Há uma associação entre os papéis desenvolvidos pelos professores da escola básica e os desenvolvidos pelos alunos estagiários? d) Há indícios de docência compartilhada manifestada pela visão dos discentes e dos docentes da escola básica e da universidade?

Na pré-análise dos dados, fazendo a leitura flutuante, como nos orienta Bardin (1977, p. 96), ao dar início ao mapeamento dos papéis desenvolvidos por estagiários e seus supervisores na escola básica, relatados pelos diferentes agrupamentos de participantes do processo formativo, sentimos a necessidade de distinguir, na análise das respostas advindas da escola básica, as visões dos professores, coordenadores e gestores da escola básica. Isso foi possível porque a declaração do cargo ocupado por eles fora solicitado na enquete.

O interesse por essa especificação interna dos profissionais que atuam na escola básica se deu por entendermos que, dependendo da dinâmica da escola, a transitoriedade dos cargos pode ser maior ou menor. Um diretor, por exemplo, que ocupa atualmente este cargo, pode ter sido supervisor de estágio e

² Algumas pessoas não responderam às questões, focos de atenção neste texto. Outras não indicaram o cargo ocupado na escola, sendo, por isso, contabilizado um número menor de respostas nas análises apresentadas a partir dos cruzamentos feitos.

³ As doze licenciaturas a que se refere são: Artes, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Física, Enfermagem, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Pedagogia e Química.

vice-versa. Além do que, dependendo ainda da dinâmica institucional, mesmo em cargos distintos, esses professores-gestores acabam assumindo alguma parcela de responsabilidade perante o estágio, seja definindo a sala de aula em que os estagiários vão se inserir, seja orientando a conduta do estagiário na escola, seja, ainda, avaliando-o. Admitimos também que o lugar institucional ocupado por cada um pode influenciar a visão sobre o estágio, podendo esta interferir em sua condução e seu desenvolvimento prático.

A busca pela especificação das visões apresentadas no interior da escola se deu também por entender que, sendo a docência base do trabalho docente, o olhar sobre o processo de formação inicial – identificado pelo desenvolvimento do estágio no campo – mereceria atenção de todos os envolvidos na instituição educacional. Com isso, foi possível identificar a visão daqueles que participam diretamente do processo – professor em sala de aula – e daqueles que, numa espécie de visão externa – coordenadores pedagógicos e diretores da instituição – veem-no um pouco mais distante, facilitando a compreensão do fenômeno pelo entrecruzamento de olhares e perspectivas.

COMO FORAM PROCESSADOS OS DADOS SOBRE O ESTÁGIO?

Seguindo as orientações de Bardin (1977, p. 95-141), procedemos à organização da análise, passando pela *pré-análise* – marcada por leitura flutuante, formulação das hipóteses, elaboração dos indicadores e preparação do material –, pela *exploração do material* – aqui foram tomadas as decisões emergentes da fase anterior – e pelo *tratamento dos resultados*. Constituímos o processo de codificação, categorização e inferências – desenvolvido em meio à análise –, cujos aspectos centrais serão aqui destacados.

Compartilhando com Bardin (1977, p. 38) a ideia de que “o interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados [...] relativamente a outras coisas”, cuidamos de observar as respostas colocando em evidência o local a partir do qual o interlocutor se apresenta, distinguindo, portanto, os registros apresentados por cada grupo participante do processo. Suspeitamos também que as informações apresentadas pelos respondentes da enquete não somente guardam relação com a posição ocupada pelo emissário, mas também são demarcadas pelo conhecimento do destinatário da enquete. Todos foram informados que o levantamento feito partiu da coordenação de estágio da instituição, com o objetivo claro de mapear ações desenvolvidas, as condições de sua realização e seu aprimoramento. Isso justifica, por exemplo, o grande número de professores, coordenadores e diretores das escolas que responderam à enquete, revelando a importância de maior aproximação entre a universidade e a escola. Parece justificar também uma avaliação mais positiva por parte da escola – envolvendo os três subconjuntos: diretores, coordenadores e professores – frente à avaliação apresentada pela universidade – alunos estagiários e professores da faculdade de educação. É como se houvesse o reconhecimento do empenho na busca de aproximação, e, portanto, a avaliação deveria, pelo menos a princípio, não ser tão “dura”.

Através da *leitura flutuante* observamos que por detrás dos papéis indicados pelos participantes da enquete, desenvolvidos respectivamente pelo professor da escola básica e pelo estagiário, emergiam concepções diferenciadas de estágio curricular. Tais concepções foram se evidenciando a partir do processo de codificação que, de acordo com Bardin (1977, p. 103),

[...] corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação de conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices.

Esse processo de codificação fora desenvolvido a partir das unidades de registro e de contexto, tendo por base os temas apresentados, classificando-os e agregando-os do ponto de vista qualitativo e quantitativo. O tema “é a unidade de significação que se liberta, naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura”. Assim, o exercício da análise temática “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105).

ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE ESTÁGIO CURRICULAR – GUIAS DAS LEITURAS SUBSEQUENTES

Pimenta e Lima (2004, p. 33-57) apresentam o estágio como campo de conhecimento, em busca de superar sua “tradicional redução à atividade prática instrumental”, e tratam das diferentes concepções que o sustentam. Discutem a prática como “imitação de modelos”, como “instrumentalização técnica” e, ao verem o estágio como uma possibilidade de superação da separação entre a teoria e prática, indicam a possibilidade de ele ser concebido como “aproximação da realidade e atividade e atividade teórica”, defendendo também a pesquisa como “método na formação dos estagiários”. Acabam focalizando a dimensão coletiva do processo formativo propiciado pelo estágio:

O estágio prepara para um trabalho coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (p. 56).

Freire (2001) apresenta em seu texto três concepções de estágio pedagógico: *aplicação da teoria, prática profissional e emancipação profissional* – que decorrem, naturalmente, de diferentes concepções que sustentam os processos de formação inicial dos docentes. A autora ressalta que as concepções de estágio por ela discutidas

[...] coexistem na literatura educacional e na prática profissional, não são mutuamente exclusivas, não existindo uma demarcação clara entre elas, embora tenham implicações distintas no modo de conceber e justificar as ações de formação. As diferenças entre as concepções de estágio pedagógico não residem nos métodos usados para promover a aprendizagem do ensino (por exemplo, a reflexão é considerada em todas as concepções, embora com finalidades distintas, dependente dos interesses que estão em jogo), mas sim nos pressupostos que lhe estão subjacentes quanto ao conhecimento profissional, ao papel da reflexão nas práticas de formação e à imagem do professor (FREIRE, 2001, p. 3).

Ela apresenta em um quadro, uma “estrutura conceitual” que explicita as questões, cujas respostas revelarão as distintas concepções de estágio pedagógico.

Quadro 1 - Estrutura conceptual para caracterização das concepções de estágio pedagógico

| Dimensões da concepção de estágio pedagógico | Questões orientadoras da análise |
|--|---|
| Conhecimento profissional | <ul style="list-style-type: none"> • Qual é a natureza do conhecimento profissional? • Quem cria esse conhecimento? |
| Papel da reflexão nas práticas de formação | <ul style="list-style-type: none"> • Quais são as finalidades da reflexão nas práticas de formação? |
| Imagem do professor | <ul style="list-style-type: none"> • Qual é a imagem de professor a valorizar? |

Fonte: FREIRE, 2001, p. 3.

Freire ressalta a importância de se criarem as condições para que os estagiários se envolvam em práticas reflexivas, “com finalidades investigativas, ajudando-os na construção de conhecimentos pedagógicos de conteúdo”. A dimensão investigativa é justificada por três aspectos:

Em primeiro lugar, tornar o estagiário investigador da sua prática significa promover a reflexão em ação e sobre a ação o que pode contribuir para a aquisição de conhecimento sobre como ensinar, para a consciencialização de crenças relativas ao ensino e para promover o desenvolvimento pessoal e profissional. Em segundo lugar, proporciona um questionamento sobre as condições em que desenvolve o seu trabalho e sobre as consequências das suas ações para os alunos, o que pode contribuir para melhorar as condições em que trabalha e possibilitar uma melhoria na qualidade do ensino. Em terceiro lugar, pode permitir uma maior consciencialização sobre a influência da sociedade na vida escolar e o reconhecimento das diferentes culturas em que se inserem os seus alunos (FREIRE, 2001, p. 19).

Numa perspectiva alinhada à superação do estágio baseado em concepções pautadas na racionalidade técnica e racionalidade prática, Silvestre e Placco (2011) afirmam que é preciso desenvolvê-lo e concebê-lo a partir da racionalidade crítica, sendo “compreendido à luz das relações sociais estabelecidas pela estrutura social na qual se insere o processo educativo possuindo a ciência como referencial”.

Essas autoras ressaltam que os estágios curriculares

[...] precisariam ser reconhecidos, valorizados e planejados como uma etapa da formação em que, além da observação e coleta de dados para análise da realidade em que são desenvolvidos, os futuros professores tivessem a oportunidade de exercer o ofício docente, por meio de práticas supervisionadas, por um longo tempo, previstas em um projeto elaborado com corresponsabilidade entre instância formadora e escola-campo (SILVESTRE; PLACCO, 2011).

Milanese (2012), a partir de seu estudo, identificou cinco *classes de respostas* à pergunta sobre o que é o estágio curricular: a) momento de colocar em prática as teorias aprendidas ou da relação teoria e prática; b) período de aprendizagem da realidade escolar; c) período de exercício da prática pedagógica; d) período de aquisição de experiência; e) período de identificação ou não com a profissão.

A análise das respostas que geraram essa classificação feita por Milanese indica concepções distintas sobre o estágio, sempre marcadas por uma temporalidade que, se não impede, pelo menos dificulta ver o estágio em relação orgânica com outras atividades do próprio curso de formação e/ou com a própria realidade escolar/campo profissional.

Nos trabalhos de Calderano (2012a, b), é avistada uma concepção – que emerge de algumas práticas educacionais – marcada pela organicidade entre escola e universidade, entre teoria e prática, entre formação e trabalho docente. Os estudos sobre tais práticas indicam a possibilidade do estágio enquanto “docência compartilhada” e partem do pressuposto que tanto a formação quanto o trabalho docente são desenvolvidos pelos professores da universidade e da escola e que ao estagiário cabe participar ativamente desse processo, entendendo que seu processo de formação se dá nos dois campos ligados dialeticamente.

Ainda focalizando *concepções de estágio curricular*, 5 (cinco) teses de doutorado são aqui destacadas. Ranghetti (2005), em sua tese, propõe a perspectiva interdisciplinar para o desenvolvimento de projetos de formação docente, neles contido e relacionado o estágio curricular. Expressa que esta perspectiva tem

como ponto de partida e de chegada a prática docente, num movimento espiral, tornando-a enriquecida pelas reflexões geradas no processo. Mendes (2005) propõe que o estágio seja concebido de forma a transcender a prática *enquanto imitação ou instrumentalização técnica*, e que se constitua *numa relação dialética entre teoria e prática* demarcada pelos princípios da reflexão crítica. Compreende o estágio como *espaço de aprendizagem profissional* e argumenta a favor da constituição de projetos de estágios que viabilizem a produção de conhecimento sobre a realidade escolar, favorecendo a construção do *ser professor* e de uma *vivência significativa do ciclo docente*. Aroeira (2009) defende o *ambiente de colaboração* como forma de superar práticas conservadoras relacionadas à produção de saberes pedagógicos. A autora ressalta que os saberes produzidos nessa perspectiva de colaboração são processuais, sofrendo contínuas transformações durante o processo de estágio. Amantéa (2004) ressalta que o estágio deve se constituir como *espaço de investigação e produção de saberes* pela Instituição do Ensino Superior, e que esta deve promover *políticas de formação contínua de desenvolvimento profissional e qualificação do seu corpo docente*.

Campos (2006), em sua tese, observa que boas iniciativas estão sendo desenvolvidas no sentido de superar a visão do estágio supervisionado sustentado pela racionalidade técnica. Contudo, alerta para o fato de que iniciativas demarcadas pela prática reflexiva *coexistem com a falta de clareza e compreensão frente à natureza dessa prática*. Campos ainda constata que a articulação entre a prática e a teoria tem sido promovida apenas em algumas disciplinas isoladas, não se constituindo, tal articulação, parte integrante do eixo curricular.

Outras quatro teses – Silva (2005); Azevedo (2007); Bastião (2009); Silveira (2008) – trazem elementos que, apresentando indiretamente concepções de estágio, anunciam a importância dos diferentes papéis desenvolvidos no estágio curricular, seja pelos professores orientadores de estágio das IES, pelos professores da escola básica, supervisores de estágio, seja pelos estagiários. De modos distintos, valorizam os diferentes saberes apresentados e construídos em contextos diversos de aprendizagem e, com maior ou menor evidência, apontam a influência do professor – seja ele da universidade, seja da escola básica – sobre o estagiário.

Silva (2005), em sua tese baseada em um trabalho desenvolvido junto a alunos do curso de Pedagogia estagiários em uma escola municipal de educação fundamental, identificou sentidos e significados de prática de ensino e de formação que delas [situações de ensino-aprendizagem] foram emergindo, constituindo-se em *ricas oportunidades de formação inicial e em continuidade*. Azevedo (2007) propôs-se a investigar como os estagiários de música desenvolvem sua ação pedagógica a partir dos saberes docentes mobilizados e socializados na atividade de estágio. Argumenta a favor da relação entre os diferentes tipos de saberes como condição para se estabelecer e efetivar a ação pedagógica. Bastião (2009), enfatizando em sua tese o *papel do professor da Instituição do Ensino Superior*, atesta que esse professor contribuiu não somente para o desenvolvimento profissional do(a) estagiário(a), mas também para o do próprio(a) professor(a) orientador(a), e *ainda contribuiu para a aprendizagem dos alunos no contexto da escola regular*. Silveira (2008) focaliza em sua tese os professores da escola básica que supervisionam os estagiários. Afirma que eles percebem-se como formadores, partilhando com os futuros professores seus saberes, e creditam à escola um espaço importante de formação docente.

De formas e com nuances diferentes, os estudos e pesquisas relacionados ao estágio descrevem a coexistência de concepções distintas e defendem a superação de uma visão do estágio curricular marcada pela racionalidade técnica e/ou racionalidade prática. Todos reconhecem sua importância no processo de formação e afirmam a necessidade de maior articulação entre os campos de trabalho – universidade e escola – e entre os saberes, deixando clara a perspectiva interdisciplinar como condição de superação dos isolacionismos encontrados.

FOCALIZANDO O CONTEÚDO DOS PAPÉIS DESENVOLVIDOS POR PROFESSORES DA ESCOLA BÁSICA E ESTAGIÁRIOS

Analisando, pois, as respostas obtidas dos diferentes participantes da enquete, no que se refere ao papel desenvolvido tanto pelo professor da escola quanto pelo estagiário, identificamos temas que se aproximam e se distanciam de diferentes concepções de estágio, conforme antes apontado. A leitura e a análise atentas nos permitiu identificar pontos comuns entre as declarações apresentadas pelos diferentes conjuntos de pessoas. As descrições, por sua vez, nos ajudaram a mapear concepções distintas relacionadas ao estágio e, por conseguinte, ao processo de formação.

A organização da análise sofreu diversas modificações em seu processo de construção marcado pelo vai e vem a que nos fala Bardin, num movimento contínuo entre os dados empíricos e a teoria que lhes serve de suporte de leitura:

Há muitas vezes uma passagem incessante do corpo teórico (hipóteses, resultados) que se enriquece e se transforma progressivamente, às técnicas que se aperfeiçoam pouco a pouco (lista de categorias, grelhas de análise, matrizes, modelos). Este vai e vem contínuo, possibilita facilmente a compreensão da frequente impressão de dificuldade no começo da análise, pois que nunca se sabe exatamente “por que ponta começar” (BARDIN, 1977, p. 30).

O esforço em buscar a compreensão dos papéis distintos – professor da escola básica, supervisor de estágio e estagiário –, indicados por diferentes participantes, se deu também no sentido de possibilitar uma categorização que abrigasse as diferentes concepções extraídas dos diversos papéis desenvolvidos.

Assim chegamos a sete maneiras de classificar as respostas dadas, de modo a traduzir as práticas. Essa classificação assim se mostra:

1. **Docência compartilhada** – aqui são observados indícios de práxis. O supervisor do estagiário (professor da escola básica) propicia espaço para a atuação do estagiário dentro de um processo de iniciação à docência, cooperando com ele, atuando com ele nas questões didático-pedagógicas, dentro e fora da sala de aula. O estagiário, por sua vez, se vê como parte do processo como um todo e participa ativamente das diversas atividades dentro e fora da sala de aula numa interação com o professor da escola e da universidade.

2. **Aproximação entre teoria e prática** – o supervisor do estagiário (professor da escola básica) conversa com o estagiário sobre a docência, sobre a escola, sobre os alunos, sobre os procedimentos pedagógicos utilizados, contribuindo efetivamente com seu processo de formação. É visto pelo estagiário como *mestre, modelo, exemplo* a ser seguido. Por sua vez, o estagiário participa das atividades escolares, pontualmente, sob a supervisão do professor da escola, e atua dentro dos limites estabelecidos no processo.

3. **Contato inicial com a prática pedagógica** – supervisor do estágio (professor da escola básica) acompanha o estagiário; orienta pontualmente suas atividades circunscritas ao tempo e ao espaço regulamentar do estágio. O estagiário desenvolve alguma atividade pontual, solicitada, indicada ou permitida pelo supervisor – professor da escola básica.

4. **Espaço para avaliação da escola/professor** – o professor da escola básica se sente ameaçado com a presença do estagiário. Há questionamentos sobre sua presença. Por sua vez, o estagiário registra os acontecimentos para depois descrever e denunciar os “problemas” observados em relação ao professor ou à escola, de modo geral.

5. Observação passiva – o professor da escola atua sem considerar ou explicitar o reconhecimento da presença do estagiário em sala de aula. O estagiário não interage com o professor da escola em momento algum; apenas observa e registra os acontecimentos, para depois relatar o que foi observado.

6. Atuação burocrática – cumprimento de regras burocráticas. Estagiário e professor da rede cumprem papéis puramente burocráticos quanto a formulários e assinaturas, revelando ausência de intenções pedagógicas.

7. Atividade dispensável – considerações são feitas sobre a ausência de contribuição para todos os envolvidos.

8. Mais de uma alternativa – apresenta-se mais de uma modalidade de prática de estágio.

As 5 (cinco) primeiras classificações denotam uma concepção de estágio que validam sua realização – ainda que apresentem críticas a seu desenvolvimento. As categorias de números 6 e 7 revelam uma concepção de estágio marcado por sua desvalorização, seja pela mera formalidade – *atuação burocrática* –, seja pela ausência de sentido – *atividade dispensável*. Na última categoria – 7 –, reunimos as respostas que apresentaram mais de uma concepção advinda de práticas distintas vivenciadas pelos mesmos respondentes.

A partir de tal classificação, serão apresentadas as tabelas-sínteses que indicam diferentes visões acerca dos papéis desenvolvidos pelos supervisores de estágio (professores da escola básica) e por estagiários. Em seguida serão focalizados alguns depoimentos.

Tendo por base os registros sobre o papel desenvolvido pelos professores da escola básica (supervisores de estágio), fizemos agrupamentos de respostas, cujas frequências são visualizadas na Tabela 1:

Tabela 1 - Papel desenvolvido pelo professor da escola (supervisor de estágio) na visão dos diferentes participantes do processo

| Descrições relativas ao estágio | Professor Fac. Educ. | Estagiário | Direção Escola | Coord. Escola | Professor Escola |
|---|----------------------|------------|----------------|---------------|------------------|
| Docência compartilhada | 11% | 3% | - | 5% | 8% |
| Aproximação entre teoria e prática | 16% | 28% | 89% | 66% | 61% |
| Contato inicial com a prática pedagógica | 32% | 53% | 11% | 20% | 29% |
| Espaço para avaliação da escola/professor | 0% | 2% | - | 3% | - |
| Observação passiva | 5% | 4% | - | 3% | - |
| Atuação burocrática | 5% | 3% | - | - | 2% |
| Atividade dispensável | 5% | 3% | - | 3% | - |
| Mais de uma alternativa | 26% | 4% | - | - | - |
| TOTAL | 19 (100%) | 271 (100%) | 18 (100%) | 35 (100%) | 86 (100%) |

Observamos que entre os profissionais da escola há certa afinidade de visão quanto ao papel do professor da escola como supervisor de estágio, destoando da visão apresentada pelos estagiários e pelos professores da universidade. Enquanto que no grupo de profissionais da escola há preponderância do estágio sinalizado por indícios de *aproximação entre teoria e prática* – sobressaindo-se aí a avaliação da direção da escola (89%). Entre os estagiários, esse percentual cai para 28%, e entre os professores da universidade cai ainda mais: 16%. Para os professores da universidade e estagiários, o papel dos professores da escola básica (supervisores de estágios) é visto, majoritariamente, como possibilidade de um *contato inicial com a prática pedagógica* (53% dos estagiários e 32% dos professores da universidade).

Apesar de se notar uma diferença entre a visão apresentada pelos profissionais da escola e pela universidade quanto ao papel desenvolvido pelo professor da escola (supervisor de estágio), nota-se que os grandes percentuais de respostas se concentram nas duas classificações: *aproximação entre teoria e prática* e *contato inicial com a prática pedagógica*.

Indícios de *docência compartilhada* são encontrados com percentual pequeno por todos os subgrupos e nulo pelos diretores da escola. Ainda que com percentual baixo, são também observadas concepções que comprometem a valorização do estágio e dificultam o reconhecimento de sua contribuição no processo de formação: *observação passiva, atuação burocrática, atividade dispensável*.

Um percentual de 26% de professores da universidade, ao retratar o papel do professor da escola básica, apresentou-o dentro da denominação *mais de uma alternativa*. Isso revela o lugar em que se encontram os respondentes. Ou seja, os professores da universidade, como orientadores de estágio, reconhecem que há uma multiplicidade de papéis desenvolvidos pelos professores da escola básica (supervisores de estágio). Isso revela a ausência ou a fluidez de uma orientação institucional quanto a esse papel e, ao mesmo tempo explicita a fragilidade do diálogo interinstitucional quanto ao tema.

A partir das mesmas classificações, ao focalizar qual o papel desenvolvido pelos estagiários, obtivemos a Tabela 2:

Tabela 2 - Papel desenvolvido pelo estagiário na visão dos diferentes participantes do processo

| Descrições relativas ao estágio | Professor Fac. Educ. | Estagiário | Direção Escola | Coord. Escola | Professor Escola |
|---|----------------------|------------|----------------|---------------|------------------|
| Docência compartilhada | 11% | 1% | - | 6% | 3% |
| Aproximação entre teoria e prática | 21% | 17% | 42% | 48% | 49% |
| Contato inicial com a prática pedagógica | 42% | 43% | 21% | 26% | 36% |
| Espaço para avaliação da escola/professor | 5% | 2% | - | - | - |
| Observação passiva | - | 25% | 27% | 14% | 7% |
| Atuação burocrática | - | 6% | 5% | - | - |
| Atividade dispensável | - | 1% | - | - | - |
| Mais de uma alternativa | 21% | 5% | 5% | 6% | 5% |
| TOTAL | 19 (100%) | 269 (100%) | 19 (100%) | 35 (100%) | 86 (100%) |

Notam-se respostas com uma distribuição maior entre as categorias relativas ao papel desenvolvido pelo estagiário. Similar à Tabela 1, aparece uma aproximação maior entre as respostas obtidas entre os profissionais da escola, que, por sua vez, ficam mais distantes da visão apresentada pelos professores e alunos da universidade. Identifica-se também, como na Tabela 1, uma visão mais otimista da escola quanto ao papel desenvolvido pelos estagiários, identificando-os principalmente na classificação de *indícios de aproximação entre teoria e prática*, sendo que o maior percentual nessa categoria foi apresentado pelo professor da escola básica: 49%. Os professores e alunos da universidade, por sua vez, entram com 42% e 43%, respectivamente, no papel que se enquadra dentro do objetivo de realizar um *contato inicial com a prática*.

Em ambas as tabelas observa-se certa simetria de resultados. Duas categorias apresentaram-se com os maiores percentuais: *aproximação entre teoria e prática* e *contato inicial com a prática*. Por outro lado, nota-se uma diferença instigante entre as duas tabelas. No primeiro, ao focalizar o papel do professor da escola como supervisor de estágio, verifica-se que nessas duas categorias as respostas se apresentam de modo bem concentrado, enquanto que na segunda tabela – papel do estagiário – as respostas se dispersam pelas diferentes denominações. Os estagiários, além de desempenharem papéis relativos à *aproximação entre teoria e prática* e ao *contato inicial com a prática pedagógica*, se reconhecem numa observação passiva em 25% das respostas. A direção da escola o confirma com 27%, e o coordenador pedagógico com 14%.

Os professores da universidade também identificam multiplicidade de papéis desenvolvidos pelos estagiários, reforçando a interpretação anterior da ausência de uma orientação clara que parametrize as ações dos estagiários dentro de uma determinada concepção de estágio.

Chama-nos ainda a atenção a forma como se apresenta a visão dos professores da escola básica. A positividade com que são vistos os papéis desenvolvidos pelos estagiários se faz notar. O maior percentual apresentado na tabela refere-se à categoria *indícios de aproximação entre teoria e prática*, fruto da apreciação do professor supervisor de estágio. Embora esse percentual, nessa mesma categoria, seja menor (49%), se comparado à resposta dada pelo mesmo profissional quanto ao papel por ele próprio desenvolvido (tabela anterior – 61%), esses dados nos encorajam a olhar de perto a questão antes enunciada quanto à relação entre os papéis desenvolvidos.

Passemos então a entrecruzar as informações de modo a identificar a frequência interna entre as respostas obtidas pelos diferentes agrupamentos de participantes, tendo como variável principal o papel desenvolvido pelo professor da escola como supervisor de estágio e a variável correlata – papel desenvolvido pelo estagiário.

ENTRELAÇANDO PAPÉIS DESENVOLVIDOS NO CAMPO DO ESTÁGIO

Tendo em vista a identidade de categorias que ficaram com percentuais mais altos nas respostas do conjunto de atores participantes do processo de estágio curricular das licenciaturas e a proximidade entre os percentuais apresentados pelos profissionais da escola nas duas categorias mais assinaladas, fizemos a junção das respostas obtidas entre os diretores, coordenadores e professores da escola básica para as próximas análises. Assim, trabalharemos com três conjuntos: profissionais da escola básica, estagiários e professores da universidade, buscando identificar como se distribuem os papéis dos estagiários, tendo como referência o papel do professor da escola básica como supervisor de estágio. Ou seja, vamos analisar entrecruzamentos.⁴

⁴ Os quadros com os dados de cruzamentos são extensos e por isso não os fizemos constar aqui.

Considerando o conjunto dos *profissionais da escola* que descreveram o papel do professor da escola como supervisor de estágio, identificado na categoria *aproximação entre teoria e prática*, 57% relatam papéis dos estagiários nessa mesma categoria.

Um profissional da escola básica diz que o papel do professor regente da escola básica (orientador de estágio) é “auxiliar no processo de formação do professor e do aluno como cidadão participativo e consciente da sociedade na qual estão inseridos”. Esse mesmo profissional diz o seguinte sobre o papel do estagiário: “além de observação, dá sugestões de atividades e metodologias modernizadas a serem aplicadas e desenvolvidas”.

Curiosamente, os profissionais da escola básica que definiram o papel do professor da escola como supervisor de estágio enquanto *atuação burocrática* – “assinar documentos” – são os mesmos que descreveram o papel do estagiário como observação passiva – “observar as aulas”.

Neste grupo dos profissionais da escola alguns apresentaram o papel do professor da escola (supervisor de estágio) dentro da categoria *docência compartilhada*. Entre estes, nenhum respondente caracterizou o papel do estagiário como *burocracia* ou *observação passiva e/ou atividade dispensável*. Esse dado indica que a ação demarcada pela docência compartilhada por parte do professor da escola (supervisor do estágio) não se relaciona com uma postura burocrática ou passiva por parte do aluno, tampouco caracteriza o desenvolvimento do estágio como algo dispensável.

Ao contrário, a *docência compartilhada* desenvolvida pelo professor da escola básica se viu relacionada a três papéis desempenhados pelos licenciandos onde a interação se faz presente, a saber: a) *docência compartilhada*; b) *aproximação entre teoria e prática* e c) *contato inicial com a prática*. Depoimentos indicativos de tais papéis podem ser visualizados no Quadro 2:

Quadro 2 – Cruzamento de papéis desenvolvidos no estágio curricular na visão dos profissionais da escola

| Papel do professor da escola básica como supervisor de estágio | Papel do estagiário |
|--|---|
| Atualmente, mostram-se preocupados em integrar o estagiário à rotina da docência e da vida escolar como um todo, proporcionando uma rica troca. | a) Observar a rotina escolar e agregar pontos nos diálogos entre docentes estabelecidos nos aspectos relativos a interdisciplinaridade. |
| Colaborar para a execução do plano de estágio, trabalhando em parceria com os professores da graduação e com o estagiário. | b) Colaborar para a execução do plano de estágio, enquanto vivencia a prática docente. Inserir na prática do professor que o recebe novas possibilidades metodológicas. |
| É ótimo receber o estagiário, porque novamente sinto motivação através do sonho dele. É enriquecedor, e fico sempre disposta a contribuir para sua formação. | c) Observação, participação e apoio. |

No conjunto dos *estagiários*, focalizamos aqueles que indicaram o papel do professor da escola (supervisor de estágio) como demarcado por algo que se encaixa na perspectiva do *contato inicial com a prática*.

Entre esses, 46% entendem que seu papel enquanto estagiário tem se constituído dentro dessa mesma categoria.

O estagiário que aponta como papel do professor da escola básica (supervisor de estágio) “orientar o estágio na prática realizada” é o mesmo que indica seu papel de estagiário como “observar o funcionamento das aulas e escolas com um olhar crítico e desempenhar uma demanda”.

Não houve caso algum em que algum estagiário que considerou o papel do professor da escola (supervisor de estágio) como *atividade dispensável* ou *atuação burocrática* tivesse apresentado seu próprio papel de estagiário como algo encaixado na *docência compartilhada* ou na *aproximação entre teoria e prática*. Tal observação reforça a ideia da sintonia entre papéis desenvolvidos por professores da escola básica (supervisores de estágio) e licenciandos estagiários.

Entre os estagiários que apontaram os papéis dos professores da escola (supervisores de estágio) demarcados pela *atuação burocrática*, identificamos quatro subconjuntos de associações: a) 33% deles indicaram suas ações de estagiários caracterizadas como *contato inicial com a prática*; b) outros 33% apontaram o papel do estágio ligado à *observação passiva*; c) 17% indicaram a *atuação burocrática* e d) 17% revelaram ações dos estagiários classificadas como *atividade dispensável*. Os depoimentos que retratam tais papéis podem ser observados no Quadro 3.

Quadro 3 – Cruzamento de papéis desenvolvidos no estágio curricular na visão dos estagiários

| Papel do professor da escola básica como supervisor de estágio | Papel do estagiário |
|--|--|
| Autoriza assistir a suas aulas e propor atividades. | a) Conhecer o ambiente escolar, discutir problemas e propor aulas. |
| Acredito que eles aceitam por aceitar, porque depois eles não nos [estagiários] deixam ter uma maior participação. | b) Observar, pois os professores não têm nos [estagiários] deixado ter uma maior participação. |
| Assinar a folha de frequência. | c) Ajudar os professores a corrigir trabalhos e ocupar mais uma carteira. |
| Muito pouco receptivo. | d) De auxílio durante as aulas, não desenvolve nada de muito relevante. |

Entre os estagiários que indicaram papéis dos professores supervisores alinhados à categoria *atividade dispensável*, 72% apontaram suas próprias ações como *observação passiva*. Frente a tal situação, críticas veementes são apresentadas.

Quanto ao papel do professor da escola básica (supervisor de estágio), destacamos na categoria *atividade dispensável* estas respostas apresentadas pelos estagiários: “o professor que recebe o estagiário quase nunca está orientado em relação ao estágio escolar, e não sabe como agir nessa situação”; “nas séries iniciais os professores nos veem como um auxiliar, muitas vezes isso nos impede de ver o processo com um distanciamento necessário”; “O professor se porta indiferentemente em relação às práticas que deveriam ser desempenhadas pelos estagiários”.

Respectivamente, esses mesmos estagiários, ao se referirem ao próprio papel desenvolvido como alinhado com a *observação passiva*, assim expressaram suas respostas: “o estagiário tem observado muito na sala de aula (como é feito na prática escolar), e as intervenções são mínimas e não significativas”; “papel de um observador do processo educacional”; “na maioria dos casos o papel desempenhado é de observação, com poucas práticas docentes”.

No conjunto dos professores da Faculdade de Educação (orientadores de estágio da IES), metade dos que apontaram o papel do professor da escola situado na categoria *docência compartilhada* também conferiu essa mesma classificação ao graduando. Uma professora da universidade, ao falar do papel do professor da escola (supervisor de estágio), diz:

É importante esclarecer que o trabalho desenvolvido baseou-se numa perspectiva do estágio como momento de investigação e pesquisa, buscando superar a visão da imitação de modelos, na qual o professor da escola-campo tinha o papel de fornecedor de modelos prontos, e caminhar no sentido da construção do estágio como momento articulador da relação entre teoria e prática. Desse modo, o papel abordado com os professores da escola-campo foi de participante numa pesquisa sobre a prática pedagógica da Educação Física na escola básica. O professor, juntamente com os estagiários, participou do levantamento dos principais aspectos que precisariam ser abordados de certo conteúdo para determinada turma; os problemas e dificuldades encontrados para o desenvolvimento desse trabalho – envolvendo dificuldades materiais, de domínio e transposição didática do conteúdo, de envolvimento da turma, entre outras –, bem como as possibilidades de trabalho e soluções para os problemas encontrados (Profa. IES).

Essa mesma professora, ao definir o papel do estagiário aponta que “dentro dessa mesma perspectiva, o estagiário assume o papel de pesquisador da prática pedagógica, dentro de uma visão de pesquisa-ação”.

Entre os docentes da universidade que indicaram o papel do professor da escola (supervisor de estágio) dentro da categoria *contato inicial com a prática*, 100% colocaram nessa mesma rubrica o papel desenvolvido pelos estagiários. A professora que diz que “o professor que recebe o estagiário na escola atua como orientador, estabelecendo relações e permitindo a intervenção pedagógica dos licenciandos,” é a mesma que diz que “O estagiário atua principalmente através de três perspectivas: observação, participação e regência de aulas”.

Esses dados reforçam a possibilidade da relação entre o papel do professor da escola básica (supervisor de estágio) e o papel desenvolvido pelo estagiário. Tal relação apresenta-se sustentada empiricamente através destes três cruzamentos das duas variáveis – papel do professor da escola básica e papel do estagiário –, antes apresentados e analisados a partir dos três subconjuntos de participantes da enquete – profissionais da escola básica, estagiários e professores da universidade.

Essa associação também tem respaldo teórico nas teses anteriormente citadas. As teses de Silva (2005), Azevedo (2007), Bastião (2009) e Silveira (2008) também trazem elementos que fortalecem a importância e a interligação dos papéis destacados. Algumas ressaltam o papel desenvolvido pelo professor da escola básica que supervisiona o estágio, sendo inclusive apontada, com maior ou menor evidência, a influência deste sobre o estagiário. Mendes (2005), Amantéa (2004) e Aroeira (2009) apontaram distintamente concepções de estágio marcadas respectivamente pela relação dialética entre teoria e prática, pelo espaço de investigação e produção de saberes e pelo ambiente de colaboração, ressaltando, de formas diversas, que as ações ocorridas em meio ao processo de estágio não são aleatórias e que produzem efeitos sobre a formação do estagiário.

De diferentes modos podemos identificar, através dos dados empíricos e teóricos, a emergência de se prestar mais atenção às relações estabelecidas entre universidade e escola e desenvolver um olhar mais atento ao professor da escola básica como supervisor de estágio, reconhecendo nele seu poder de formação, constituindo o necessário estabelecimento de condições para que seu papel seja desenvolvido de forma a contribuir efetivamente com a formação do licenciando, futuro docente.

ENSAIANDO ALGUMAS SÍNTESES

O papel do professor da escola básica como participante do processo de formação docente nem sempre é reconhecido pelos próprios professores da escola e demais profissionais que aí atuam e, principalmente pelos professores das IES, que, em grande parte, negligenciam e/ou criticam duramente suas ações e suas práticas, ainda que de modo disfarçado. Neutralizam ou desconsideram, por exemplo, as iniciativas práticas de parceria interinstitucional, como se a preparação acadêmico-profissional do aluno estagiário fosse efetivada exclusivamente pela universidade.

As diferentes visões encontradas acerca dos papéis desenvolvidos, próprias aos lugares ocupados pelos interlocutores em destaque, devem servir não de rupturas no diálogo, mas sim de aproximação daqueles que têm um interesse comum em contribuir com o processo de formação docente. O processo é complexo e exige múltiplos olhares. As medidas a serem tomadas precisam ser combinadas para que logrem efeitos favoráveis ao alcance dos objetivos demarcados pela *aproximação entre teoria e prática e docência compartilhada*.

O trabalho interdisciplinar e interinstitucional precisa ser ampliado e solidificado. Um projeto institucional de estágio precisa ser dinamicamente desenvolvido, contando com a participação e a colaboração efetivas de todos os envolvidos. Fica também evidenciada a adequação e a viabilidade da pesquisa enquanto parte integrante do estágio e o *estágio marcado pela pesquisa* (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 46-57). A postura investigativa propicia a elaboração de um diagnóstico que, por sua vez, permite a tomada de posição perante o fenômeno observado. Um projeto de estágio entremeado com a postura investigativa poderia trazer benefícios a todos os envolvidos, pela possibilidade de esclarecer questões pendentes e, ao lançar luz a ela, buscar efetivamente saídas coletivas.

Isso remete à clara necessidade de uma ação afirmativa perante o estágio e que vai além dos debates pontuais. Os dados apontam a premência de um esforço contínuo no sentido de ampliar o diálogo entre escola e universidade para além dos convênios formais realizados. Urgente se faz o estabelecimento de parcerias interinstitucionais com objetivos claros e conjuntamente constituídos, a partir de uma definição de responsabilidades assumida pelos diferentes participantes do processo de formação.

Embora existam experiências bem-sucedidas nessas inter-relações, também não se pode negar a fragilidade de outras. Para elucidar tal ponto específico, trazemos à tona o depoimento de um gestor da escola básica (supervisor de estágio). Ao descrever o papel desenvolvido pelo estagiário, ele afirma que o graduando tem atuado como mero ouvinte. E continua: "A responsabilidade, nesse caso, é total da instituição formadora, a universidade. O estágio passivo cria um profissional desqualificado para a prática" (Gestor, Escola 14).

Tal declaração deixa pistas sobre a ausência de diálogo entre os campos da formação e do trabalho docente e sobre a visão segundo a qual prevalece a responsabilidade do professor da universidade (orientador do

estágio) sobre o estagiário. Embora não se possa negar a responsabilidade conjunta – entre o professor da universidade e o da escola básica frente ao estagiário –, não se pode menosprezar o peso da influência do professor da universidade, até porque é ele (orientador de estágio) quem dará as primeiras instruções, podendo até mesmo sugerir em que escola o estagiário desenvolverá suas atividades, guardando maior ou menos proximidade entre os princípios supostamente defendidos no trabalho pedagógico.

Por outro lado, a ideia de desconhecimento do poder de ação do professor da escola básica (supervisor de estágio) não se sustenta, até porque o estágio docente real/concreto⁵ não se efetiva sem a participação ativa deste. Não se trata de colocar no professor da escola básica a responsabilidade de atuação do graduando, mas de entender que sua ação guarda uma relação com o papel desenvolvido pelos licenciandos, tendo por base uma lógica simples: é o professor da escola básica, dentro da sala de aula, que dá o tom às atividades ali desenvolvidas. Ele, com certeza, não é o único responsável, mas interfere no processo de formação do estagiário, pois que sua postura é, no mínimo, observada e, em alguns casos, criticada ou incorporada e/ou compartilhada.

A partir das questões orientadoras deste estudo, antes explicitadas, e tendo por base os dados empíricos e reflexões teóricas, podemos dizer que:

a) Quanto à possível proximidade ou ao possível distanciamento entre a visão apresentada pelos diferentes grupos que compuseram a enquete, identificamos um distanciamento entre a visão apresentada pela universidade e a apresentada pela escola básica e, em escala maior, identificamos uma diferenciação quanto ao processo de formação docente. Notamos certo otimismo por parte dos profissionais da escola tanto em relação ao papel do professor da escola básica (supervisor de estágio) quanto ao papel do estagiário. Comparando a visão desse grupo de profissionais da escola com o grupo dos professores da universidade e estagiários, a que poderia ser atribuído esse otimismo, que significado ele representa? Essa é uma questão que emerge deste estudo e exige cuidado maior na avaliação, sugerindo seu aprofundamento. No entanto, podemos dizer que essa diferença de visão quanto aos papéis desenvolvidos no estágio revela, ainda que de modo indicial, diferentes esboços e/ou projetos de formação docente talhados distintamente por *professores da universidade, estagiários e professores e gestores da escola básica*.

b) Quanto à concepção de estágio, tornou-se possível identificar distintas representações a partir da análise dos papéis descritos pelos diferentes participantes da enquete. Para a maioria dos professores da universidade (orientadores de estágio) e para a maioria dos estagiários, o estágio é demarcado por uma concepção identificada pelo “contato inicial com a prática pedagógica”. Já para a maioria dos profissionais da escola básica – diretores, coordenadores e professores supervisores de estágio –, o estágio representa uma “aproximação entre teoria e prática”.

c) Pudemos observar uma associação entre os papéis desenvolvidos pelos professores da escola básica e os desenvolvidos pelos alunos estagiários. Tal associação é percebida a partir do reconhecimento de uma hierarquia entre as categorias representantes desses papéis, em que no nível mais qualificado tem-se a *docência compartilhada* e no nível mais baixo tem-se a *atividade dispensável*. Entre as respostas obtidas pelas mesmas pessoas quanto aos papéis desenvolvidos, não se encontrou nenhum caso em que alguém indicasse um papel do professor da escola básica nas duas categorias mais altas e o papel do estagiário delineado dentro das duas categorias mais baixas. O cruzamento de papéis indicou certa semelhança

⁵ Há denúncias quanto à veracidade de alguns estágios curriculares, demarcados por simulação. Alguns depoimentos ilustram tais situações.

entre o desenvolvido pelo professor da escola básica (supervisor de estágio) e aquele desempenhado pelo estagiário – papéis identificados a partir da experiência de cada um.

d) Apesar dos desafios destacados, revelados pelo desenvolvimento de papéis delineados, por exemplo, como *observação passiva*, *atuação burocrática* e até mesmo como *atividade dispensável*, podemos dizer que há indícios de *docência compartilhada* manifestada tanto pela visão dos discentes quanto dos docentes da escola básica e da universidade.

Temos, ainda, muito o que decifrar sobre o estágio curricular, porém uma constatação se faz evidente: a urgência de se estabelecer mecanismos institucionais para que o processo de formação possa se dar modo mais orgânico entre a universidade e a escola, compreendidas como instituições simultaneamente propícias ao processo de formação e ao desenvolvimento do trabalho docente.

REFERÊNCIAS

AMANTÉA, Mara Lucia. *Competências do professor no estágio curricular do curso de graduação de Enfermagem segundo a percepção dos próprios docentes*. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, 2004. 1v. 101 p.

AROEIRA, Kalline Pereira. *O estágio como prática dialética e colaborativa: a produção de saberes por futuros professores*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2009. 1v. 253p.

AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho Cascelli de. *Os saberes docentes na ação pedagógica dos estagiários de música: dois estudos de caso*. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. 1v. 448p.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASTIÃO, Zuraída Abud. *A Abordagem Ame – Apreciação Musical Expressiva – como elemento de mediação entre teoria e prática na formação de professores de música*. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Bahia, 2009. 1v. 292p.

CALDERANO, M. Assunção (Coord). *A formação, o trabalho dos docentes que atuam no ensino fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado*. Relatório Final de Pesquisa. Juiz de Fora: UFJF/ FAPEMIG, 2010a (885p).

CALDERANO, M. Assunção. O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica. In: CALDERANO, M. Assunção. (Org.). *Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições*. Juiz de Fora: UFJF, 2012a, p. 237-260.

CALDERANO, M. Assunção. O estágio supervisionado para além de uma atividade curricular: avaliação e proposições. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 23, n. 53, p. 250- 278, set./dez. 2012b.

CALDERANO, M. Assunção. Tipificação da Postura Docente: do emprego temporário ao intelectual engajado. CALDERANO, M. Assunção. et al. (Orgs.). *Formação continuada e pesquisa colaborativa*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.

CAMPOS, Márcia Zendron de. *A prática nos cursos de licenciatura: reestruturação curricular da formação inicial*. Tese (Doutorado em Educação/Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. 1v. 131p.

FELICIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 32, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2010.

FREIRE, Ana Maria. Concepções orientadoras do processo de aprendizagem do ensino nos estágios pedagógicos. Colóquio: modelos e práticas de formação inicial de professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. *Anais...* Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2003.

FREITAS, H. C. L. *O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios*. São Paulo: Papyrus, 1996.

GATTI, Bernardete A. O professor e a avaliação em sala de aula. *Estudos em Avaliação Educacional*, n. 27, p. 97-113, jan./jun. 2003.

GATTI, Bernardete A. Questão docente: formação, profissionalização, carreira e decisão política. In: CUNHA, Célio da; SOUSA, José Vieira; SILVA, Maria Abádia da (Orgs.). *Políticas públicas de educação na América Latina: lições aprendidas e desafios*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 303-345.

GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

LIMA, Maria Divina Ferreira. *Formação de docentes em serviço: o processo formativo da experiência de Estágio Supervisionado*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005. 1v. 341 p.

MENDES, Bárbara Maria Macedo. *A prática de ensino e o estágio supervisionado na construção de saberes e competências didático-pedagógicas: o caso da UFPI*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2005. 2v. 310p.

MILANESI, Irton. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. *Educar em Revista*, n. 46, p. 209-227, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2013.

PINTO NETO, Pedro da Cunha; QUEIROZ, Salete Linhares; ZANON, Dulcimeire Ap. Volante. As disciplinas pedagógicas na formação e na construção de representações sobre o trabalho docente: visões de alunos de licenciatura em Química e Física. *Educar em Revista*, n. 34, p. 75-94, 2009. Curitiba: Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000200005&lng=e&tlng=>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.

RANGHETTI, Diva Spezia. *Uma lógica curricular interdisciplinar para a formação de professores – a estampa de um design*. Tese (Doutorado em Educação/Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. 1v. 231p.

SILVA, Rosa Maria Alves da. *E o caminho se fez assim... análise de experiência de formação docente inicial e continuada*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, 2005. 1v. 200p.

SILVEIRA, Denise Nascimento. *O estágio curricular supervisionado na escola de educação básica: diálogo com professores que acolhem estagiários*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008. 1v. 183p.

SILVESTRE, Magali Aparecida; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Modelos de formação e estágios curriculares. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, v. 05, n. 05, ago.-dez. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/10/36/1>>. Acesso em: 11 mar. 2013.